

DA CIDADE GENÉRICA AO JUNKSPACE

O pensamento de Rem Koolhaas sobre a cidade contemporânea

Vinicius Bezerra de Moraes Galindo

Contato: modeladoria@gmail.com

História da Arquitetura, do Urbanismo e do Território

INTRODUÇÃO

Este resumo se refere a uma dissertação de mestrado, a qual promove uma discussão sobre a cidade contemporânea. O ponto de partida dessa discussão é a observação de que as cidades contemporâneas estariam se tornando cada vez mais e mais iguais entre si. A partir dessa observação, questiona-se o que estaria por trás dessa suposta universalização, e que consequências ela estaria trazendo, para as cidades e para a sociedade.

Aponta-se o arquiteto holandês Rem Koolhaas como a principal referência para a discussão promovida, em função da postura assumida por ele frente ao cenário observado: ao invés de condenar esse movimento universalizante, o autor procura enxergar o que haveria de positivo nele, e de que forma a arquitetura poderia ser realizada dentro desse contexto.

Nesse sentido, destaca-se inicialmente os ensaios *A cidade genérica* (publicado originalmente em 1994) e *Junkspace* (publicado originalmente em 2001), nos quais Koolhaas aborda a temática em questão. Além disso, considera-se também a utilização do *contraditório* como aspecto de grande relevância na construção do pensamento do autor. No entanto, a conceituação e os entendimentos apresentados pelo autor suscitam alguns questionamentos, para os quais se recorre a David Harvey e Henri Lefebvre como suporte à realização da análise proposta.

Assim, entende-se pertinente incluir na referida análise as considerações de Lefebvre a respeito da formação do *urbano* e da *sociedade urbana*, bem como sua teorização sobre o *cotidiano*; do mesmo modo, inclui-se a abordagem de Harvey sobre a dialética entre o capitalismo e o processo urbano e sobre as alterações na *dinâmica espaço-tempo* da condição pós-moderna.

Por fim, se estabelece a relação entre edifício e cidade como foco para a análise promovida, a fim de que esta seja feita sob o ponto de vista da disciplina da arquitetura.

OBJETIVOS

O objetivo da referida pesquisa é analisar a cidade contemporânea com base no pensamento de Koolhaas e com foco na relação entre edifício e cidade, realizando questionamentos à luz de entendimentos de Lefebvre e Harvey.

Para realizar a análise acima, são estabelecidos os seguintes objetivos específicos: (i) apresentar o *contraditório* como chave de leitura para o pensamento de Koolhaas; (ii) discutir a construção do pensamento de Koolhaas sobre a cidade contemporânea como um todo, identificando aspectos fundamentais que o sintetizem; (iii) discutir a cidade contemporânea em função dos aspectos fundamentais identificados: cultura da congestão e atividade do consumo.

MÉTODO

Para a realização da referida pesquisa, de caráter fundamentalmente teórico-conceitual, foi apontado o método dialético de abordagem como condicionante, em função da dialética observada: no próprio objeto de estudo (qual seja, a cidade contemporânea); na forma como Koolhaas enxerga tal objeto, na qual o *contraditório* é aspecto fundamental (e dialético); na relação entre cidade e capitalismo; e nas conceituações de Harvey e Lefebvre utilizadas, ambas sempre fazendo uso e apontando a essência dialética do urbano e do sistema capitalista.

Utiliza-se a abordagem dialética tal qual apresentada por Lefebvre (1991), que tem suporte na noção de



totalidade, esta resultante do constante movimento de suas partes, as quais são contraditórias e complementares (entre si e em relação à totalidade).

Dessa maneira, a referida pesquisa se divide em duas partes sendo a primeira, composta por dois capítulos, dedicada a analisar o pensamento de Koolhaas a respeito da cidade contemporânea. No primeiro capítulo, o contraditório é analisado e apresentado como chave de leitura para o pensamento do autor. No segundo capítulo, é feita uma análise sobre as principais obras teóricas de Koolhaas, contrapostas com exemplos de sua produção prática, a fim de entender a construção do pensamento do autor sobre a temática em questão.

Dessa análise, são apontados dois aspectos que fundamentaram a discussão sobre a cidade contemporânea, realizada na segunda parte da referida pesquisa: a *cultura da congestão* e a *atividade do consumo*. Assim, o terceiro capítulo discute a cidade a partir da cultura da congestão, enquanto o quarto e último, a partir da *atividade do consumo*.

DESENVOLVIMENTO

A discussão a respeito da cidade contemporânea realizada na referida pesquisa foi feita considerando diversos aspectos, particularidades, conceitos, contextos e outros, de forma que fugiria ao formato do presente resumo expor tal discussão em sua totalidade. Sendo assim, destaca-se a seguir uma narrativa elaborada ao final do último capítulo, a qual considerou um cenário hipotético para expor o que se pode entender como uma síntese (mesmo que um tanto específica) da discussão realizada.

Tal narrativa foi intitulada de *Exodus revisitado*, por se tratar de uma referência ao projeto *Exodus, ou os prisioneiros voluntários da arquitetura*, elaborado por Koolhaas em 1972. Apresenta-se então a seguir um resumo dessa narrativa.

Certa feita, no longínquo ano de 1972, houve um episódio em que a arquitetura foi utilizada enquanto estratégia de guerra numa luta contra condições urbanas ditas indesejáveis, na histórica cidade de Londres. Tratava-se de uma tentativa de estabelecer uma espécie de refúgio urbano ideal que salvaria a todos: arquitetura, cidade e sociedade. São reproduzidos abaixo trechos do manifesto de tal

episódio, intitulado de *Exodus*, ou os prisioneiros voluntários da arquitetura:

[...] esta seria uma arquitetura imodesta, não comprometida com melhorias tímidas, mas com a provisão de alternativas totalmente desejáveis.

Os habitantes dessa arquitetura, aqueles fortes o suficiente para amá-la, passariam a ser seus prisioneiros voluntários, extasiados na liberdade de seu confinamento arquitetônico.

Contrária à arquitetura do movimento moderno e sua placenta desesperada, esta nova arquitetura não é autoritária, nem histórica: é a ciência hedonística de projetar instalações que acomodem plenamente os desejos individuais.

Do lado de fora essa arquitetura é uma sequência de monumentos serenos; a vida no interior produz um estado contínuo de frenesi ornamental e delírio decorativo, preenchendo-a com uma overdose de símbolos.

Esta será a arquitetura que vai gerar seus próprios sucessores, e que milagrosamente vai curar os arquitetos de seus masoquismo e auto-aversão.

OS PRISIONEIRO VOLUNTÁRIOS

Este estudo trava uma Guerra Arquitetônica em Londres. Ele descreve os passos que serão necessários tomar para que se estabeleça um oásis arquitetônico na decadente condição de uma cidade como Londres.

Subitamente, uma faixa de intensa desejabilidade metropolitana atravessa o centro de Londres. Essa faixa é como uma via de escape, uma pista de pouso para a nova arquitetura de monumentos coletivos.

Dois muros enclausuram e protegem essa zona para reter sua integridade, e para prevenir qualquer contaminação de sua superfície pelos organismos cancerígenos que a cercam.

Em breve, os primeiros detentos irão implorar por admissão. Seu número rapidamente se transformará num fluxo incontrolável.

Nós testemunhamos o Êxodo de Londres.

A estrutura física existente na cidade antiga não será capaz de suportar a contínua competição dessa nova presença arquitetônica.

A Londres que conhecemos se transformará numa pilha de ruínas.

Àquela época, a condição metropolitana da cidade era apontada por alguns como a salvação para uma então decadência urbana, a qual seria resultado direto de uma



famigerada forma de se pensar e fazer arquitetura, resultante da mediocridade atingida pelos supostos herdeiros do modernismo (que em nada mais compactuavam com o original pensamento moderno). Foi assim então construída a referida *faixa de desejabilidade metropolitana*.

Em seu interior, a cidade, a sociedade e mesmo o pensamento foram submetidos a intensas, constantes e permanentes revoluções, criadas, geridas e transformadas ao longo dos diversos setores que compunham a faixa. A arquitetura era a referência e ferramenta fundamental, responsável por tais revoluções; uma arquitetura libertada de dogmas ou ideologias, formais ou sociais. O veículo primordial de emancipação e sublimação da cidade e da sociedade.

Desde a *área de recepção*, onde os contraditórios se fundiam desavergonhada e permissivamente num processo de planejamento espontâneo; no *quadrado das artes*, onde a história era revisitada e transformada num processo de construção da arte e do pensamento dessa nova sociedade; ou no *quadrado do globo cativo*, onde o próprio (e novo) mundo era incubado pela ciência, pela arte, por poesia e certas formas de mania, que competiam livre e igualitariamente; a faixa metropolitana se consolidou baseada na crença fundamental que tomava a cidade como a incubadora dos desejos sociais, a materialização sintética de todos os sonhos.

Com o passar do tempo, conforme previsto por seus idealizadores (que afirmavam não agir em função de ideologias), o fluxo migratório tornou-se incontrolável. A faixa criada e gerida pela *ciência hedonística de projetar instalações que acomodem plenamente os desejos individuais* explodiu, dizimando as ruínas remanescentes da antiga cidade exterior, transformando-a numa tábula rasa para a expansão plena e efetiva daquele novo mundo. E prosperou, sob a alcunha de *cidade genérica*.

A condição metropolitana, rebatizada de *congestão*, uma vez plenamente aceita e profundamente conhecida e disseminada, tratou de desenvolver, a si mesma e ao espaço (em sua semelhança). No entanto, havia no velho mundo (a antiga cidade) algo além da arquitetura, que também atuava no desenvolvimento e transformação do espaço e da sociedade. Algo que ficou ofuscado pela euforia da descoberta e exaltação da

congestão, mas que não deixou de se desenvolver simbioticamente com ela nessa nova realidade.

Apelidado de *consumo*, inicialmente era visto como uma outra face da congestão (o que em parte é verdade), mas o fato é que nunca se soube ao certo se os dois são a mesma coisa, se se complementam, ou se um acabaria por subjugar (ou mesmo eliminar) o outro.

À medida que se desenvolvia, o consumo ganhava mais e mais adeptos (que muitas vezes assim o eram de maneira inconsciente); e mais e mais espaços eram transformados e concebidos à sua imagem, alinhados com seus propósitos. Os edifícios da cidade genérica foram então sendo alterados e construídos sob uma lógica aparentemente caótica e desconexa, mas que sempre evocava a congestão como garantia de sua plena aceitação.

A densidade construtiva aumentava mais e mais para atender ao potencial aglutinador da congestão, até que subitamente transformou toda a cidade genérica em uma só construção. Um enorme e imbricado edifício/organismo incapaz de ser plenamente conhecido, compreendido ou visualizado. Um emaranhado de conexões desconexas que garantia ao espaço uma permanente continuidade descontínua. Na tentativa de manter a sanidade frente à incognoscibilidade desse espaço, deram-lhe a alcunha de *junkspace*.

Em seu interior, à primeira vista acontecia uma infinidade de atividades diversas, múltiplas e contraditórias, mas que, expostas ao olhar mais atento (ou à repetição constante), se revelavam (mesmo que apenas em momentos, ou em situações específicas), como sendo apenas uma parte, um aspecto, uma corruptela do consumo. Às vezes, ainda é possível identificar o que antes fora uma atividade distinta, atualmente metamorfoseada em consumo.

A dinâmica social existente em *junkspace* é determinada pela ação ilimitada de uma *publicidade alçada a níveis filosóficos*, capaz de penetrar nas profundezas da construção mental humana e responsável pela elaboração estética, linguística e sensorial do único idioma plenamente falado e compreendido por todos os seus habitantes.

Dessa maneira, *junkspace* se consolidou em plenitude. Um labirinto inescapável aos herdeiros dos prisioneiros



voluntários da arquitetura. A congestão foi praticamente reduzida a um logotipo utilizado em campanhas publicitárias intrasensoriais, assim como a noção de ideologia. Marcas registradas, das quais não se pode fazer uso sem o aval oficial do consumo.

No entanto, frente ao que parecia ser a eternização do caos incompreensivelmente programado e aprisionador do *junkspace*, alguns anciões (tipos popularmente considerados como místicos – há quem diga que são os mesmos que idealizaram a faixa original, há eras atrás) escreveram e publicaram um manifesto. Tal manifesto descreve e caracteriza o império emaranhado de confusão do *junkspace*, na intenção de que a disseminação desse conhecimento possibilite transformações futuras. Eis a seguir alguns trechos deste manifesto:

Junkspace não pretende criar perfeição, só interesses; Junkspace é pós-existencial; faz-nos não ter a certeza do lugar onde estamos, oculta para onde vamos e anula o lugar onde estávamos;

Junkspace será a nossa tumba. Metade da humanidade contamina para produzir e a outra metade contamina para consumir;

Junkspace é político: depende da eliminação centralizada da capacidade crítica em nome do conforto e do prazer;

Junkspace pretende unificar, mas na realidade divide. Cria comunidades não a partir de interesses comuns ou da livre associação, mas sim de uma estatística idêntica e de uma demografia inevitável, uma teia oportunista de interesses instalados. Cada homem, cada mulher e cada criança torna-se num alvo individual, espiado, separado do resto...

É possível que até a memória se tenha convertido em Junkspace;

O seu papel não é aproximar-se do sublime, mas minimizar a vergonha do consumo, drenar o embaraçoso, baixar o que é mais elevado;

Junkspace é um espaço semelhante ao das férias; dantes havia uma relação entre o ócio e o trabalho, uma imposição bíblica que dividia as nossas semanas e organizava a vida pública. Agora trabalhamos mais arduamente, abandonados numa interminável sexta-feira informal...

Ao contrário do que fizeram no início de tudo com o projeto Exodus, no manifesto *junkspace* eles não estão apresentando uma solução ideal. Talvez agora eles de

fato não pensem em ideais. Ou o contrário: será que, diante da falta de qualquer perspectiva, buscam agora alguma ideologia? Será que, ao se verem diante de mais um fim depois de tantos outros (da história, da cidade, da arquitetura...), perceberam que nenhum fim é absoluto, senão em si mesmo? Que o fim de algo é sempre o início de outra coisa? Estariam agora mais interessados em perguntar, do que responder? Em observar, do que propor? Em compreender, antes de afirmar? Ou o tom descrente e apocalíptico do manifesto *junkspace* seria apenas um atestado de exaustão? Os últimos e ofegantes passos de quem passa o bastão para que o próximo corredor assuma a dianteira, a plenos pulmões?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo de toda a análise realizada na referida pesquisa, apresentou-se alguns apontamentos e muitos questionamentos. Reconheceu-se a relevância do pensamento de Koolhaas a respeito da cidade contemporânea, principalmente por ele ter sido construído sob a ótica da disciplina da arquitetura, esta num momento particular de ruptura e reformulação geral. Entende-se que em função dessa postura (e com o auxílio do contraditório) o autor pôde perceber a cidade de maneira peculiar, enfatizando aspectos e contextos antes ignorados, ou relegados a uma importância menor (particularmente dentro da disciplina da arquitetura). No entanto, apontou-se uma limitação decorrente também dessa postura, principalmente em relação à incapacidade de conseguir abordar a totalidade da problemática em questão.

Dessa maneira, entende-se que qualquer processo de teoria, crítica e prática da arquitetura deve considerar e explicitar a relação dialética existente entre o sistema capitalista e o meio urbano; que assumir essa postura não impede que se tenha um entendimento focado na disciplina. Conclui-se que, dentro de um contexto no qual a hegemonia quase absoluta da atividade do consumo determina a cotidianidade de uma sociedade burocrática de consumo dirigido, a arquitetura da congestão se apresenta como uma ferramenta com enorme potencial, principalmente no sentido de promover a formação do urbano, tal como afirmado por Lefebvre. Para tanto, a compreensão da complexidade existente na dialética entre o capitalismo e o urbano se faz necessária.



Sabe-se que há ainda inúmeros questionamentos quanto ao referido contexto, à prática da arquitetura da congestão e suas consequências e tantos outros aspectos considerados nesta pesquisa. No entanto, entende-se que identificar e expor tais questionamentos é passo importante para que se possa compreender melhor a problemática urbana contemporânea e, conseqüentemente, intervir nela. Acredita-se que a presente pesquisa conseguiu arcar com essa tarefa, colocando-se como referência para estudos futuros dentro dessa temática.

AGRADECIMENTOS

À CAPES, pela cessão de bolsa de estudo, sem a qual a realização desta pesquisa seria enormemente dificultada. Ao PPGAU e à UFRN, pela estrutura disponibilizada, institucional e pedagogicamente. A meu orientador, José Clewton do Nascimento, e meu co-orientador, George Alexandre Dantas, pelas orientações e conversas, formais e informais, que sempre e tanto trazem aprendizado. A tantos outros orientadores, sejam professores, colegas, amigos e familiares, com aulas, conversas, análises e produções de textos, ou mesmo na vivência cotidiana, que tanto ensinam e elucidam diretamente sobre a temática desta pesquisa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. 17. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

_____. **The Urban Experience**. Oxford: Basil Blackwell, 1989.

KOOLHAAS, Rem. **Três textos sobre a cidade**. Barcelona: Gustavo Gili, 2010.

_____. **Nova York delirante**. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

LEFEBVRE, Henri. **A revolução urbana**. Belo Horizonte: Ed UFMG, 1999.

_____. **O direito à cidade**. 5. Ed. São Paulo: Centauro, 2008.

_____. **Lógica formal lógica dialética**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.